

SASKIA SASSEN

LIBRETO

SÃO PAULO/PORTO ALEGRE

► COMO VIVER JUNTOS

TEMPORADA
2015

Expediente

Fronteiras do Pensamento®
Temporada 2015

Curadoria
Fernando Schüler

Concepção e Coordenação Editorial
Luciana Thomé
Michele Mastalir

Pesquisa
Francisco Azeredo
Juliana Szabluk

Tradução Artigo
Cássia Zanon

Editoração e Design
Lume Ideias

Revisão Ortográfica
Renato Deitos

www.frenteiras.com



► SASKIA SASSEN

(Países Baixos, 1949)

Socióloga holandesa. Referência por suas análises sobre migração urbana e impacto das tecnologias, seu trabalho popularizou o termo “cidades globais”.

“Ao longo de trinta anos houve perda de renda de metade da população mundial e tamanha concentração no topo que simplesmente chegamos ao limite. É a explosão disso que estamos vendo agora nas nossas cidades.”

► VIDA E OBRA

Nascida em Haia, nos Países Baixos, Saskia Sassen é referência na área da sociologia urbana por suas análises sobre os fenômenos da globalização, da migração urbana e do impacto das tecnologias de comunicação nas formas de governo. O termo “cidades globais”, criado por Peter Hall em 1966, foi popularizado a partir das pesquisas de Sassen.

Aos cinco anos de idade, mudou-se para Buenos Aires com seus pais, sendo criada na Argentina e na Itália, país onde passou sua juventude. Em 1980, especializou-se em sociologia urbana na Universidade de Chicago, sob o tema do declínio das nações-estado e o crescimento das redes de cidades. A partir disso, tornou-se reconhecida autora no campo da sociologia urbana, estudando os impactos da globalização como a reestruturação econômica e como os movimentos de trabalho e de influência do capital afetam a vida nas cidades.

Mestre em Ciências Sociais e Ph.D. em Economia pela Universidade de Notre Dame, foi eleita uma das 50 pensadoras globais mais influentes pela *Prospect* em 2014 e um dos 100 principais pensadores mundiais de 2011 pela *Foreign Policy*. Também foi escolhida um dos 100 principais

líderes do pensamento pelo instituto suíço Gottlieb Duttweiler em parceria com o MIT nos anos de 2012 e 2013.

Seus livros foram traduzidos para mais de 21 idiomas. Sua obra mais conhecida, *The global city: New York, London, Tokyo*, é uma pesquisa sobre a natureza da economia global contemporânea. Na década de 1990, apresentou dados que correlacionaram diretamente as dinâmicas da globalização da economia e o papel desempenhado pelos grandes centros urbanos. Também é autora de *As cidades na economia global e Sociologia da globalização*.

Saskia Sassen entende que as “cidades globais” estão mudando a geografia do poder, com a intensificação das transações entre elas, sobretudo através dos mercados financeiros, de investimentos e de fluxos de serviços. E que, ao mesmo tempo, devem ser foco de estudos, pois são também o local onde minorias e vulneráveis encontram espaço para os seus projetos de vida. De acordo com ela, é preciso entender como as pessoas que são expulsas do interior, ou de pequenas cidades, encontram na cidade global o lugar que lhes resta para viver, mesmo que dormindo nas ruas.

Seu mais recente livro é *Expulsions* (sem tradução no Brasil), no qual ela argumenta que os problemas socio-

econômicos e ambientais não podem mais ser compreendidos em termos de “pobreza” e “desigualdade”. O capitalismo contemporâneo, em sua forma extrema, é um tipo de expulsão – da vida profissional, do espaço público e até mesmo da própria biosfera.

Sua atuação foi agraciada com o Prêmio Príncipe de Astúrias de Ciências Sociais em 2013. Atualmente, é uma das presidentes no The Committee on Global Thought na Universidade de Columbia e professora visitante na Escola de Economia e Ciência Política de Londres. Além de escrever regularmente para o *Open Democracy* e o *The Huffington Post*.

“Organizações da sociedade civil, nem todas, mas muitas, querem atuar no plano global, sem utilizar sua capacidade para tanto. Porque não sabem lidar com um mundo também feito de globalizações laterais, umas conectadas às outras. Portanto, existe um potencial não realizado nessas organizações, e em seus projetos, justamente quando tantas frentes de batalha se abrem por aí. Essa sensação de estar conectado e ao mesmo tempo se sentir perdido no mundo de hoje é um dos dilemas da globalização.”

“Trabalhadores, florestas, geleiras etc., as economias encolhem e degradam a biosfera, enquanto o aquecimento global e o derretimento das geleiras aceleram a uma velocidade inesperada. A concentração da riqueza encoraja o processo de expulsão de dois tipos: dos mais desfavorecidos e dos super-ricos. Estes dois grupos são abstraídos da sociedade em que vivem fisicamente. Eles evoluem em um mundo paralelo reservado para castas e não assumem as suas responsabilidades cívicas. Em resumo, o algoritmo do neoliberalismo não funciona mais.”

“Nós nos sentimos perdidos, a bordo de altíssimos níveis de conhecimento. Tanto se pergunta sobre como lidar com o mal-estar da globalização. Ele é parte do processo. Diz respeito a um mundo em que o cidadão se torna cada vez mais espectador passivo e, muitas vezes, uma vítima ou mero consumidor de artigos prontos – desde a comida até as opções bancárias. Em meus textos mais políticos, digo que

nos tornamos consumidores de cidadania e de democracia, em vez de criadores de cidadania e de democracia, como já fomos antes.”

“De acordo com a explicação de meu marido, Richard Sennett, antigas narrativas de vida e trabalho já não funcionam para um número cada vez maior de pessoas. Eis o espaço subjetivo no qual residem os jovens de hoje. Antigas narrativas já não lhes cabem. Estou certa de que, para muitos, é algo animador. Até porque muitos não desejam aquela estabilidade de vida que seus pais perseguiram. Mas, para a imensa maioria dos jovens nascidos em famílias pobres e vulneráveis, essa falta de narrativas pertinentes constitui uma zona de perigo.”

“Existem múltiplas globalizações. A econômica, a corporativa, a financeira, a tecnológica. Nota-se nisso tudo certa tendência de desumanização da nossa vida e da nossa subjetividade. Mas outras globalizações também estão em curso, como a da sociedade civil, da defesa dos direitos humanos, das lutas pela preservação do meio ambiente, e essas nos humanizam de maneira profunda. Temos aí os sinais da emergência de um humanismo desnacionalizado, para o qual não é necessário sequer tornar-se um indivíduo cosmopolita. Basta ser humano e acreditar em certas causas. Digo que nem é preciso ser cosmopolita no sentido de que é possível estar envolvido, de forma local, com a denúncia ao torturador da prisão mais próxima ou com a fábrica que polui a água de seu bairro, e ao mesmo tempo totalmente consciente de que ao redor do mundo há outros como você.”

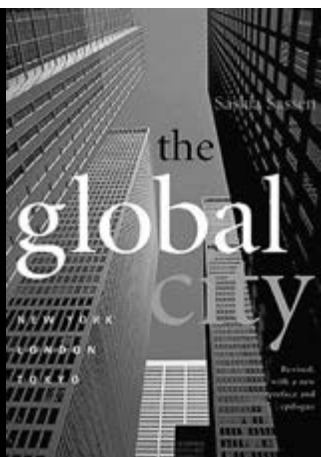


SOCIOLOGIA DA GLOBALIZAÇÃO

*A sociology of globalization
(Contemporary Societies Series)*

1ª edição – 2007 / Edição em português – Artmed, 2010

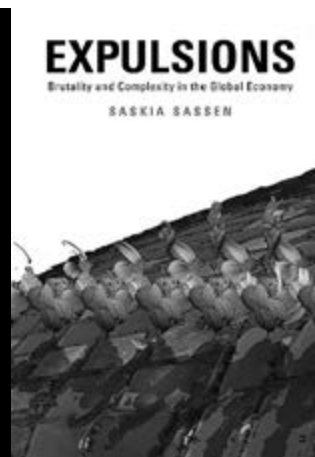
Este livro apresenta uma ampla abordagem sobre a globalização, oferecendo instrumentos interpretativos e analíticos para entender as complexas ideias da interdependência global.



THE GLOBAL CITY

1ª edição – 1991 / Sem
edição em português

Este livro clássico mostra como Nova York, Londres e Tóquio se tornaram centros do comando para a economia global em um processo que sofreu uma série de mudanças massivas e paralelas. Saskia Sassen enfatiza as dinâmicas transfronteiriças através da qual essas cidades começaram a formar redes estratégicas.



***EXPULSIONS –
BRUTALITY AND
COMPLEXITY IN THE
GLOBAL ECONOMY***

1ª edição – 2014 / Sem
edição em português

Este livro atualiza a nossa compreensão sobre a economia para o século XXI, expondo um sistema com consequências devastadoras, mesmo para aqueles que pensam que não são vulneráveis. O conhecimento que cria os instrumentos financeiros encontra paralelo nas especializações da engenharia, que possibilita a exploração do meio ambiente, e da legislação, que permite que as nações mais ricas comprem territórios das mais pobres.

SASKIA SASSEN
As Cidades na
Economia Mundial



Studio Nobel

**AS CIDADES NA
ECONOMIA GLOBAL**

Cities in a world economy
1ª edição – 1994 / Edição em
português – Studio Nobel,
1998 (esgotada)

O livro mostra como certas características dos fluxos de dinheiro, informações e pessoas têm levado ao surgimento de uma nova formação social: cidades globais, novos tipos de migrações, crise financeira, catástrofes ambientais e a multiplicação de tecnologias de comunicação.

SITE OFICIAL

<http://www.saskiasassen.com/>

TWITTER

@saskiasassen

WIKIPEDIA

http://pt.wikipedia.org/wiki/Saskia_Sassen

THE COMMITTEE ON GLOBAL THOUGHT

<http://cgt.columbia.edu/>

ENTREVISTAS

Urbanizar a tecnologia e a cidade global

Primeira parte da entrevista para o *site* Paisaje Transversal, publicada em janeiro de 2015 (em espanhol)

<http://is.gd/Sassen1>

(<http://www.paisajetransversal.org/2015/01/entrevista-saskia-sassen-paisaje-transversal-urbanismo-ciudad-open-source-primera-parte.html>)

Urbanizar a tecnologia e a cidade global

Segunda parte da entrevista para o *site* Paisaje Transversal, publicada em maio de 2015 (em espanhol)

<http://is.gd/Sassen2>

(<http://www.paisajetransversal.org/2015/05/entrevista-saskia-sassen-paisaje-transversal-urbanismo-ciudad-open-source-segunda-parte.html>)

O local e a globalização

Entrevista para o programa *Milênio* do canal GloboNews, transcrita pelo site ConJur em maio de 2013

<http://is.gd/Sassen3>

(<http://www.conjur.com.br/2013-mai-03/ideias-milenio-saskia-sassen-sociologa-holandesa>)

A globalização do protesto

Entrevista para o jornal *O Estado de S.Paulo*, publicada em agosto de 2011

<http://is.gd/Sassen4>

(<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,a-globalizacao-do-protesto-imp-,758196>)

As narrativas da globalização

Entrevista para o caderno Aliás do jornal *O Estado de S.Paulo*, publicada em junho de 2010

<http://is.gd/Sassen5>

(<http://alias.estadao.com.br/noticias/geral,as-narrativas-da-globalizacao,561969>)

A cidade global

Entrevista de Saskia Sassen para o *site* Revistateina, reproduzida no *site* Gestión Urbana (em espanhol)

<http://is.gd/Sassen6>

(<http://www.gestionurbana.es/?p=380>)

VÍDEOS E LINKS

The Huffington Post

Colunas de Saskia Sassen no *The Huffington Post* (em inglês)

<http://is.gd/Sassen7>

(<http://www.huffingtonpost.com/saskia-sassen/>)

Open Democracy

Colunas de Saskia Sassen no *Open Democracy* (em inglês)

<http://is.gd/Sassen8>

(www.opendemocracy.net/author/saskia-sassen)

O novo sistema

Vídeo produzido pelo *Fronteiras do Pensamento*, no qual Saskia Sassen analisa o que defende ser o fim do Estado liberal forte.

Publicado em outubro de 2014 (legendado)

<http://is.gd/Sassen9>

(<https://www.youtube.com/watch?v=CytpNj2OQYQ>)

A linguagem da expulsão

Artigo de Saskia Sassen publicado no *site Truth Out*, em julho de 2014 (em inglês)

<http://is.gd/Sassen10>

(<http://www.truth-out.org/opinion/item/25235-the-language-of-expulsion#>)

Somos todos suspeitos

Vídeo produzido pelo *Fronteiras do Pensamento*, no qual Saskia Sassen analisa o poder da vigilância na contemporaneidade. Publicado em maio de 2014 (legendado)

<http://is.gd/Sassen11>

(<https://www.youtube.com/watch?v=r3PUYI0XHBw>)

Expulsos

Artigo de Saskia Sassen enfocando o tema de seu mais recente livro, *Expulsions*, publicado em setembro de 2013 (em inglês)

<http://is.gd/Sassen12>

(http://www.jwsr.org/wp-content/uploads/2013/09/Sassen_symposium_vol19_no2.pdf)

Cidade global e a lógica de expulsão do neoliberalismo

Entrevista em vídeo, publicada em janeiro de 2011 (em espanhol)

<http://is.gd/Sassen13>

(https://www.youtube.com/watch?v=7Dc-2v_Yj4)

DE QUEM É A CIDADE?

POR SASKIA SASSEN

Artigo traduzido pelo *Fronteiras do Pensamento*, publicado originalmente no *site* da conferência Urban Age, em novembro de 2014.

<http://delhi2014.lsecities.net/newspaper/articles/who-owns-the-city/en-gb/>

Mudanças claras na propriedade de terras urbanas confrontam um número crescente de grandes cidades com um novo tipo de política urbana. Várias das cidades da Era Urbana estão entre elas. Essas mudanças são principalmente de pequenas propriedades privadas particulares para grandes propriedades corporativas e de propriedade pública para privada. Formalmente, essas aquisições envolvem edifícios – pequenos e grandes, privados e públicos. Assim, a forma mais comum de descrever este processo é como compra de edifícios.

Mas quero argumentar que, na escala atual de aquisições, estamos efetivamente vendo uma sistemática transformação no padrão de propriedade de terras urbanas nas cidades que têm profundas e significativas implicações em termos de equidade, democracia e direitos. Isso ocorre especialmente porque o que era pequeno e/ou público está se tornando grande e privado, embora frequentemente com apoio local de governos. Alguns dos mais nocivos desenvolvimentos de “montagem de local” ocorrem quando uma ou duas quadras de uma cidade são adquiridas por um proprietário, seja local ou estrangeiro, e as autoridades da cidade cedem a suas exigências de fechamento de ruas e, mais frequentemente, em nome de aumentar a segurança.

A tendência é passar de pequenas propriedades inseridas em zonas urbanas, entrecruzadas por ruas e pequenas praças públicas, para projetos que absorvam muito desse tecido de espaço público. Isso privatiza e desurbaniza o espaço da cidade.

Este gigantismo urbano em proliferação é ainda mais fortalecido e viabilizado pelas privatizações e desregulamentações que ocorreram nos anos 1990 por grande parte do mundo e continuaram sendo realizadas desde

então com apenas algumas interrupções. O efeito global tem sido a redução de edifícios públicos e uma escalada na quantidade de propriedades privadas. Isso traz consigo uma redução na textura e na escala de espaços anteriormente acessíveis ao público – um espaço que era mais do que apenas prédios públicos. Onde antes havia um prédio de escritórios governamentais lidando com os regulamentos e a supervisão deste ou daquele setor econômico público, hoje deve haver a sede de uma empresa, um prédio de apartamentos de luxo ou um *shopping*.

A seguir, examino essas tendências e começo a conceber o que podemos pensar quanto à feitura de uma nova paisagem urbana, que vai muito além da noção de uma nova ordem visual. É também em parte uma nova ordem de propriedade e controle, assim como uma zona fronteira onde os que não detêm o poder e os poderosos podem realmente se encontrar.

QUANDO UMA CIDADE É CADA VEZ MAIS DE PROPRIEDADE CORPORATIVA

Embora aquisições estrangeiras possam ter recebido muito da atenção em algumas cidades, o processo é bem mais amplo, e em muitas cidades é majoritariamente moldado por investidores e desenvolvedores domésticos. A

questão-chave não é a propriedade estrangeira em si, mas as mudanças dos modos de propriedade – de modestos ou pequenos para grandes e caros e de propriedades públicas modestas para propriedades privadas caras. Exemplos de aumento da propriedade privada são Gurgaon em Délhi, Santa Fé na Cidade do México ou Sandton em Joanesburgo.

Aquisições estrangeiras de edifícios em uma cidade não são algo novo. Em *The global city* (A cidade global), documentei a aquisição em grande escala de edifícios e terrenos urbanos no final dos anos 1980, especialmente por empresas estrangeiras, nas três principais cidades globais daquele princípio de fase global – Nova York, Londres e Tóquio. Essas aquisições incluíam prédios icônicos, especialmente em Nova York e Londres, que teriam chocado os moradores comuns na época, caso eles tivessem tomado conhecimento: Harrods em Londres, Rockefeller Center e Saks Fifth Avenue em Nova York e outros. Em Londres, mais da metade dos edifícios eram de propriedade estrangeira – especialmente de entidades da Europa continental e japonesas.

Não é a novidade disso tudo que busco enfatizar, mas sua escala e seu impacto no tecido urbano, na vida cotidiana da cidade e mesmo na coesão social em uma área

urbana. Em suma, os efeitos vão muito além do uso funcional. Essas aquisições não se tratam simplesmente de comprar um prédio de escritórios e uma casa que sejam necessários caso uma empresa e seus funcionários precisem morar e viver nessa cidade. Elas são, em grande medida, apenas aquisições – poderiam ser um investimento seguro ou especulativo, uma segunda, terceira ou enésima casa. Dessa forma, de acordo com o *Financial Times* (2014), um bom número de propriedades residenciais e comerciais na região central de Londres e propriedades residenciais na região central de Oxford, as duas cidades estudadas, foram compradas por empresas, investidores ou famílias estrangeiras durante os últimos anos.

Parte das propriedades residenciais de estrangeiros tende a ser subutilizada e, em alguns casos documentados, jamais é usada – como os exemplos extremos na região de Hampstead de Londres. Isso também significa que elas contribuem para uma espécie de desurbanização, principalmente se são propriedades grandes e tenham sido constituídas pela combinação de diversas construções em uma quadra. Isso retira a textura e a porosidade, como Richard Sennett chamaria, do ambiente construído urbano. Eles não contribuem com as características de cidade. Ao contrário, matam-na.

Mais recentemente, foi lançado um mercado de imóveis supostamente “superprime”. É um mercado criado – inventado – em que as propriedades recebem preços mínimos – 8 milhões, 20 milhões, frequentemente até 100 milhões de dólares na prática em cidades como Nova York, Londres e Hong Kong. Até onde posso avaliar, essas propriedades não valem tanto dinheiro: estabelecer esses valores mínimos é uma forma de criar isolamento através de critérios de exclusão em vez de muros evidentes. Mas é, acima de tudo, um mecanismo para obtenção de superlucros. É também a criação de uma geografia transnacional que conecta espaços específicos de grandes cidades do mundo e fortalece as novas geografias de riqueza e privilégio que transcende as velhas divisões históricas de Norte e Sul, Leste e Oeste.

Finalmente, a nova onda de aquisições estrangeiras na cidade de Nova York, por exemplo, inclui, entre outros, compradores do Cazaquistão e da China. Entre as maiores aquisições estão as chinesas. A economia na China está desacelerada, a Europa não está em sua melhor forma, e a América do Sul está instável. Neste contexto, Nova York tornou-se um destino atraente para o investimento imobiliário chinês. É visto como um refúgio seguro para os investidores, já que a legislação definitivamente protege os ricos.

Esses investimentos são grandiosos e incluem a maior construtora chinesa, a China State Construction Engineering Corporation, que comprou a nova-iorquina Plaza Construction, que constrói complexos comerciais e residenciais por todos os EUA. O maior desses investimentos recentes é do Greenland Holding Group, com sede em Xangai: em dezembro de 2013, o grupo adquiriu 70% do vasto projeto Atlantic Yards no Brooklyn por US\$ 200 milhões. O projeto incluirá 14 edifícios de apartamento, além da Arena Barclays Center. Os investidores esperam concluir o projeto dentro de oito anos.

COMO INTERPRETAMOS ESSAS TENDÊNCIAS?

Há conceitos conhecidos que vêm imediatamente à mente, notadamente condomínios fechados e gentrificação. Eles ajudam a explicar parte disso. Mas estou interessada em ir além com o objetivo de chegar ao que podemos pensar como elementos constitutivos da cidade. Um deles é a terra urbana. Outro são as grandes formações espaciais dentro das quais ocorrem as transações e as mudanças interurbanas.

As grandes aquisições de terras urbanas – seja por estrangeiros ou locais – trazem urgência ao trabalho de

fazer ativamente o público e o político no espaço urbano. As grandes cidades complexas de hoje, especialmente quando globais, são um novo tipo de zona de fronteira. Enquanto a fronteira histórica, como era vista dos centros imperiais, ficava em trechos distantes das “colônias”, hoje ela está profundamente dentro das cidades globais, algumas das quais são os centros imperiais de outrora. Atores de mundos diferentes se encontram ali, mas não há regras claras de enfrentamento. Esses atores vêm de várias configurações diferentes. Investidores chineses não são iguais a investidores britânicos, que por sua vez são diferentes de investidores holandeses ou do Cazaquistão. Aqueles que estão construindo novas e modestas economias de bairro são igualmente diversos: jamaicanos não são iguais a bengaleses e assim por diante. Assim como moradores de longa data e empresas antigas não são iguais a empresas de bairro ou os novos magnatas estrangeiros investindo em cidades globais. É o mundo que se muda para dentro da cidade.

Essas cidades, seja no norte ou no sul globais, tornaram-se uma zona de fronteira estratégica para o capital corporativo global. Muito do trabalho de forçar desregulamentação, privatização e novas políticas fiscais e monetárias nos países anfitriões teve a ver com criar os instrumentos formais para

construir seus equivalentes dos velhos “fortes” militares das fronteiras históricas. Agora, o “forte” é o ambiente regulatório necessário em cidade após cidade do mundo para garantir um espaço global a suas operações.

Sob essas condições, o trabalho de transformar o público e o político em espaço público se torna ainda mais crítico. Há múltiplos atores e múltiplas perspectivas – do cidadão, do investidor estrangeiro, do imigrante empreendedor, da velha oligarquia, da avó, de profissionais e muitos mais. Ilustrarei com um tipo de ator: os grandes incorporadores. O desafio aqui é como conter ou regulamentar grandes incorporadores, tanto locais quanto estrangeiros, que consideram o espaço urbano uma *commodity*, um bem a ser comprado e comercializado. Moradores da cidade, independentemente de onde morem, deveriam ter voz quando grandes incorporações absorvem o que um dia foi espaço público, ruas, tecido urbano no centro de uma cidade e transformam em uma megaconstrução de propriedade privada.

O mantra do “desenvolvimento econômico” pode bastar para algumas grandes incorporações, mas não deveria ser justificativa suficiente para todos os grandes projetos de construção. Vem à mente o argumento de Ge-

rald Frug em *A rule of law for cities* (Um estado de direito para cidades), segundo o qual “...precisamos promover a contestação da política de desenvolvimento econômico... a uma instituição democraticamente organizada [que] deveria representar as pessoas em toda a cidade. Os participantes deveriam ter o poder de estabelecer a estratégia da cidade para crescimento econômico, com especialistas aconselhando os tomadores de decisão em vez de serem os tomadores de decisão. A meta é incluir justamente as pessoas deixadas de fora na estratégia de desenvolvimento econômico reinante”.

Ter um espaço público urbano sólido é crítico em um momento no qual o espaço político nacional é cada vez mais dominado por atores poderosos, tanto públicos quanto privados, apenas minimamente subordinados à população de uma cidade. Existe uma espécie de trabalho de “tomada de público” que pode acontecer no espaço urbano e que nos ajuda a ver os locais e os silenciados. Nossas (ainda) grandes cidades globais complexas são um espaço fundamental para isso: elas são hoje uma zona de fronteira estratégica para os que não detêm poder, os desfavorecidos, os *outsiders*, minorias que sofrem discriminação. Os desfavorecidos e excluídos conseguem ganhar presença nessas cidades, presença em relação ao poder e presença em rela-

ção uns aos outros. Isso sinaliza a possibilidade de um novo tipo de política, centrado em novos tipos de atores políticos. Não é simplesmente uma questão de deter ou não deter poder. Essas são novas bases híbridas a partir de onde se pode agir, espaços nos quais os que não detêm o poder podem fazer história mesmo assim.

Esse emergente espaço-fronteira no coração das principais cidades globais surge em um contexto de “delimitações” cada vez mais inscritas dentro e através das cidades. Os condomínios fechados são apenas a representação mais visível dessas delimitações. Os usos que o capital corporativo global faz de nossas cidades são parte dessa intensa delimitação. A afirmação comum de que somos um mundo com muito menos fronteiras do que há 30 anos só se mantém se considerarmos as fronteiras tradicionais do sistema entre países e então apenas para o fluxo transfronteiriço de capital, informações e grupos populacionais específicos. Longe de estarmos caminhando rumo a um mundo sem fronteiras, preciso argumentar que, mesmo que ergamos algumas dessas barreiras para alguns setores de nossas economias e sociedades, esses mesmos setores estão ativamente produzindo novos tipos de delimitações que são transversais e impetráveis. É neste contexto que a complexa cidade global se torna um espaço de fronteira com consequências políticas.

► ANOTAÇÕES

FR**NTEIRAS**
DO PENSAMENTO